

ANDREA SILVA MELO GUIMARÃES



LENDO, FAZENDO E CONTEXTUALIZANDO A ARTE

LOCAL DE MARIANA:

FUNDAMENTOS DE ANA MAE BARBOSA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2013

ANDREA SILVA MELO GUIMARÃES

LENDO, FAZENDO E CONTEXTUALIZANDO A ARTE

LOCAL DE MARIANA:

FUNDAMENTOS DE ANA MAE BARBOSA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Luís Moraes Coelho

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2013

Guimarães, Andrea Silva Melo, 1964

Lendo, fazendo e contextualizando a arte local de Mariana - fundamentos de Ana Mae Barbosa para o Ensino Fundamental: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Andrea Silva Melo Guimarães. – 2013.

40 f.

Orientador(a): Luís Moraes Coelho

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Guimarães, Andrea Silva Melo, Luís Moraes Coelho. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



**Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia intitulada *Lendo, fazendo e contextualizando a arte local de Mariana: fundamentos de Ana Mae Barbosa para o Ensino Fundamental*, de autoria de Andrea Silva Melo Guimarães, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Luís Moraes Coelho – Orientador

Membro da Banca Prof. Dr. Mauricio Silva Gino - EBA/UFMG

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2013

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

A meu pai, *in memoriam*, por ter me proporcionado ver e sentir a vida através da arte.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida.

À minha mãe pelo incentivo e seu exemplo.

Aos meus irmãos por estarem sempre na torcida.

A meu marido que foi fundamental o seu apoio como companheiro e artista convidado.

Ao meu filho pela compreensão dos momentos de ausência.

Aos amigos que chamo carinhosamente de anjos pela força.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

“É importante entender arte, que é a representação do país por seus próprios membros.”

Ana Mae Barbosa (2013)

RESUMO

O presente trabalho é um relato de uma prática pedagógica que tem como objetivo a inserção da Abordagem Triangular, defendida pela arte educadora Ana Mae Barbosa, que se baseia na nos três eixos: contextualizar, apreciar e fazer, que será desenvolvido com a turma do 8º Ano do Ensino Fundamental II do Colégio Arquidiocesano de Ouro Preto- Unidade II. O trabalho teve como análise a obra e arte do artista local Cesar Augusto Ferreira Guimarães que desenvolve o trabalho de entalhe em madeira do casario barroco, um tema referente ao contexto dos alunos. Conclui-se que a Abordagem Triangular tem um efeito muito positivo no desenvolvimento dos alunos, pois proporciona a experimentação de diversos recursos e interação com sua realidade, ampliando a cultura dos alunos e ainda valorizando a produção artística local.

Palavras-chave: Arte e educação. Arte no Ensino Fundamental. Abordagem Triangular.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - A ARTE REGIONAL NA ABORDAGEM TRIANGULAR.....	13
CAPÍTULO 2 - DESENVOLVIMENTO DA METODOLOGIA.....	17
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	26
CONCLUSÃO.....	32
REFERÊNCIAS.....	33
ANEXOS.....	34

INTRODUÇÃO

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1988) destacam a arte na educação como uma forma de ampliar nos alunos sua sensibilidade, sua percepção de mundo e ainda sua maneira de refletir e ainda incentiva a imaginação dos mesmos.

A iniciativa de se desenvolver este tema deve-se ao fato da pesquisadora ser professora da disciplina de Artes Visuais, na cidade de Mariana, e perceber a distância dos alunos com a cultura local, a arte e os artistas e, por acreditar que cabe ao professor exercer este papel de oportunizar aos alunos conhecer a cultura local, como sendo mais um elemento essencial para a construção e desenvolvimento do homem.

Normalmente, os alunos acostumados a verem somente em livros de arte, produções de artistas consagrados, deixam de perceber que, a sua volta existem artistas que desenvolvem um trabalho com intenção, pesquisa e percurso e por isso se destacam.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes (1988, p. 63) a arte é apresentada como:

A área do conhecimento que requer espaço e constância, como todas as áreas do currículo escolar. O aluno aprende com mais sentido para si mesmo quando estabelece relações entre seus trabalhos artísticos, individuais, em grupo e a produção social de arte, assimilando e percebendo correlações entre o que faz na escola e o que foi realizado pelos artistas na sociedade no âmbito local, regional, nacional e internacional. Aprender Arte envolve além dos desenvolvimentos das atividades artísticas e estéticas, apreciar arte e situar a produção social da arte de todas as épocas nas diversas culturas.

Confirma-se assim a tese de que conhecer a cultura à qual estamos inseridos através do ensino da Arte-Educação, agrega sentido que ao aluno está aprendendo e desperta sua criatividade.

A partir das experiências da pesquisadora como arte educadora, há uma necessidade de proximidade entre os alunos e o objeto a ser estudado, tornando a prática mais significativa e instigante.

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência na inserção da metodologia triangular no ensino da arte, e o desenvolvimento do projeto envolvendo a arte local de Mariana com os alunos do 8º Ano do Colégio Arquidiocesano onde se propõe conhecer a vida e obra do artista plástico César Augusto Ferreira Guimarães, proporcionando uma integração cultural do artista, das obras e dos alunos.

Este pensamento é reafirmado pelos estudos de Barbosa (2003, p. 18):

Por meio da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada.

É importante corroborar para a conscientização e a valorização da cultura regional, bem como promover o reconhecimento da importância histórica que a arte local desempenha na construção da identidade cultural de nossa coletividade.

Dessa forma, para o desenvolvimento deste trabalho, optou-se trabalhar a partir da proposta triangular de ensino de artes de Ana Mae Barbosa, visando uma nova estratégia. Sendo assim, este, seria realizado com artistas local dentro da sala de aula.

Acredito que esta proposta se tornaria mais interessante e envolvente, partindo do pressuposto abordado por Rosa Lavelberg (2003, p.27):

Trazer conteúdo de arte de um ambiente de origem e do cotidiano dos estudantes para a sala de aula é uma boa motivadora escolha curricular. Essa prática valoriza o universo cultural, do grupo, dos subgrupos e dos indivíduos, incentiva a preservação das culturas e cria em cada indivíduo um sentimento de orgulho da cultura de origem e de respeito às dos outros.

Este trabalho tem como referencial teórico básico o trabalho da autora Ana Mae Barbosa (2003), pioneira do ensino de arte no Brasil que defende a Metodologia Triangular. Essa Metodologia foi desenvolvida por ela na década de

oitenta, baseada na proposta do Projeto Discipline Based Art Education (DBAE) e em sua reflexão sobre a experiência educativa das escolas de pintura ao ar livre do México e o Critical Studies (estudo da Inglaterra que aborda arte como expressão e cultura). Esta sistematização ficou conhecida como Metodologia Triangular passando para Proposta e atualmente Abordagem.

Esta Abordagem Triangular resulta em três eixos: ler obras de arte, fazer arte e contextualizar. Nesse contexto a aprendizagem em arte se dá estabelecendo a relação entre codificação, experimentação e a informação.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), também serão utilizados como referência, neles não se apresenta a Abordagem Triangular, mas se utiliza a nomenclatura (produção, fruição e reflexão), sendo as vertentes sistematizadas por Ana Mae Barbosa.

Este trabalho consta de três capítulos e se desdobrará da seguinte forma:

O primeiro capítulo consiste em ressaltar a importância da arte regional no contexto escolar no ensino das artes visuais tendo como eixo norteador a Abordagem Triangular elaborada pela professora Ana Mae Barbosa baseada em suas pesquisas sobre arte-educação, na tríade Apreciar-Fazer-Contextualizar.

O segundo capítulo traz um relato de experiência de uma prática pedagógica, onde se utiliza a Abordagem Triangular, traz a contextualização do trabalho, a leitura das obras e a produção artística baseado na obra do artista plástico César Augusto Ferreira Guimarães.

No terceiro capítulo encontra-se uma análise da prática realizada, a eficácia da aplicabilidade da metodologia triangular segundo a óptica da professora e o relato dos alunos do 8º Ano do Colégio Arquidiocesano de Ouro Preto, Unidade II.

Em seguida temos as considerações finais e as referências bibliográficas utilizadas na confecção deste trabalho.

CAPÍTULO I - A ARTE REGIONAL NA ABORDAGEM TRIANGULAR

É papel do professor corroborar com a conscientização e a valorização da cultura regional, bem como promover o reconhecimento da importância histórica que a arte local desempenha na construção da identidade cultural de nossa coletividade. Dessa forma, escolheu-se para desenvolver este trabalho, a partir da Abordagem Triangular de ensino de artes, de Ana Mae Barbosa, como estratégia metodológica a ser desenvolvida com um artista local dentro da sala de aula.

Acredita-se que esta proposta se tornaria mais interessante e envolvente, partindo do pressuposto abordado por Rosa Lavelberg (2003), onde a arte se integra ao conteúdo escolar através do incentivo a preservação da cultura através dos artistas regionais.

Os espaços de aprendizagem não devem se limitar ao espaço físico da sala de aula. Ao explorar outros espaços e outros recursos comumente usados no cotidiano da escola e da sala de aula, é possível ampliar a diversidade de saberes levando os alunos a experimentar outras linguagens e formas de se expressar dentro da linguagem das artes plásticas. Essa prática torna certamente a aprendizagem mais significativa e prazerosa.

Na metodologia de ensino e aprendizagem será utilizada a Abordagem Triangular, que regem os objetivos de ensino de artes nas escolas, presentes no Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e elaborada pela arte-educadora Ana Mae Barbosa, que teve sua metodologia embasada em suas pesquisas sobre a construção do conhecimento em arte.

A Abordagem Triangular fundamenta-se em três pilares da metodologia: contextualização histórica, fazer artístico e apreciação artística.

A metodologia triangular possibilita ao aluno compreender e situar uma obra de arte na linha do tempo, percebendo como foi realizada, em que contexto histórico, quais os materiais e a técnica utilizados e a partir daí, relacioná-la com o mundo atual. Nesse contexto esse trabalho foi realizado de acordo com as propostas pedagógicas voltadas para o ensino de artes do 8º ano que tem como estratégias: o exercício de análise, percepção, contextualização. No entanto, para que ocorra o desenvolvimento cognitivo dos alunos, o ensino- aprendizagem da

arte deve explorar os três eixos: ler, fazer, contextualizar e interrelacionar, levando-se em consideração que não são fases distintas de aprendizagem, mas um processo.

É importante ressaltar ainda que a contextualização de uma obra de arte não se restringe somente ao estudo biográfico do artista e às pesquisas históricas, mas também ao exercício de relacionar a teoria e prática. Quanto a isso, Ana Mae Barbosa (2009, p. 39) afirma que:

A metodologia de análise deve ser de escolha do professor e do fruidor, o importante é que as obras de arte sejam analisadas para que se aprenda a ler a imagem e avalie-la; esta leitura é enriquecida pela informação acerca do contexto histórico, social, antropológico.

Ana Mae Barbosa foi aluna de Paulo Freire e influenciada pela pedagogia freireana, aplicou-a a para o ensino de artes “que falava da necessidade de aprender a fazer a leitura do mundo, não mecanicamente, mas vinculando linguagem e realidade”, Paulo 1993.

De acordo com a própria autora Ana Mae Barbosa (2013, p. 1) quanto a influência em seu trabalho sofrida por Paulo Freire, a mesma relata:

Paulo me convenceu que a educação era uma forma de libertação. Ele me levou para a escolinha de arte que havia em Recife - a Escolinha de Arte do Brasil, criada na década de 50, pelo artista pernambucano Augusto Rodrigues - e fui me envolvendo cada vez mais com a área. Paulo foi um grande mentor e amigo. Em 1972 solicitei uma bolsa para a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para fazer mestrado nos Estados Unidos, mas eles disseram que não reconheciam a arte-educação como área de pesquisa. Acabei dando aulas de cultura na Universidade de Yale para custear os estudos, fiz o mestrado e fui a primeira brasileira a fazer doutorado em arte-educação, concluído em 1977. Em 2004 ganhei uma medalha de mérito do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e fiquei muito feliz. Foi uma prova de que a mentalidade mudou nos últimos anos.

Nota-se que a pesquisadora demonstrava preocupação com democratização do estudo da arte de forma descontextualizada. Através de relatos de experiências e pesquisas, percebeu a relevância de se considerar o processo histórico do ensino de arte. Certamente, os posicionamentos de Ana Mae Barbosa, descritos na Abordagem Triangular, é um marco referencial para os professores de artes, visto que a abordagem de aspectos pessoais e sociais

integrados à leitura da imagem e ao fazer artístico direcionam as intervenções no trabalho de artes, tornando-as mais conscientes.

Compreendendo a Arte como a expressão da vida, sejam emoções, pensamentos, sentimentos ou ideias, que se manifestam por mensagem e por meio da criatividade canalizada em arte. Temos dentro de todo esse processo de criação e desenvolvimento de expressão, outra forma de trabalhar a cultura, que é através do olhar do artista, no caso do presente trabalho, de um artista local, proporcionando desta forma a aproximação com a arte regional e o confronto entre o criador e sua obra, a partir do ponto de vista do espectador/aluno, que está inteiramente imerso neste contexto, levando-o a fortalecer seu sentimento de identidade, cidadania, desenvolvimento crítico e apropriação consciente de sua cultura.

Proporcionar o contato direto com o artista, oportuniza o desenvolvimento da aprendizagem de forma empírica, onde o artista expõe sua trajetória como artista e seu processo de criação, clarificando as possibilidades que existem dentro do mercado, o que também se configura de extrema importância, em dois vieses, o da profissionalização, uma vez que sabemos a estima de "Hobby" que foi conferido a arte, criando uma máxima de que arte não é trabalho, logo o artista não seria um trabalhador; e por outro lado é importante, que o aluno tenha um exemplo de consolidação profissional de um artista, valorizando sua vida e qualidade profissional, abrindo assim o olhar para a possibilidade de também seguir uma carreira como artista, uma vez que ele próprio terá tido um exemplo vivo de que isso é possível. Além disso, o momento de encontro e conversa, permite aos alunos a espontaneidade de elaborar as questões que acharem pertinentes de forma sincrônica e direta sem deixar dúvidas.

Estar em contato com o artista é partilhar o seu universo criativo e como ele o utiliza, favorece o aluno a construir o seu próprio processo de criação, às vezes seguindo os mesmos passos, em outros momentos buscando formas mais efetivas para solucionar problemas e até mesmo em decidir não seguir nenhum dos passos expostos. Estudar as produções humanas é uma forma de compreender as questões sociais, pois essas mostram os valores que caracterizam cada cultura.

CAPÍTULO 2 - DESENVOLVIMENTO DA METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho se desenvolveu a partir da contextualização da história e importância da Arquitetura Colonial em Mariana e Ouro Preto na sala de aula com o professor de história, onde os alunos farão uma leitura de texto retirado do livro *Capitais das Minas do Século XVIII*, de Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, que conduzirá uma discussão a cerca do assunto. Após a leitura e discussão sobre o texto, será coordenada uma pesquisa iconográfica de imagens de diversas expressões artísticas que serão relacionadas com o tema abordado nas obras do artista em foco. Através de apresentação PowerPoint será exposta a biografia do artista convidado e onde os alunos conhecerão a vida e obra do artista e em seguida será aberta uma roda de conversa diretamente com este, onde os alunos o entrevistarão.

A partir da leitura das obras apresentadas pelo artista, os alunos irão inteirar-se e interpretar, a partir da mediação do professor, identificando os elementos estéticos que compõem a imagem, como a composição, perspectiva das formas, alto relevo, planos, sombra e luz.

O fazer artístico será o processo de criação, desenho do casario barroco e utilizarão a técnica do entalhe, baseado nas investigações.

Como já foi mencionado, anteriormente, a motivação deste trabalho se deu a partir da necessidade de conhecer a arte local e relacioná-la com o cotidiano dos alunos, buscando inseri-los no contexto do ensino de artes visuais através da exploração das expressões artísticas.

O material pedagógico que subsidiou a escrita desse capítulo é um plano de aula e relatos de experiências. Trata-se de um planejamento (bem como sua execução) que teve como objetivo desenvolver a metodologia triangular de Ana Mae Barbosa a partir do estudo das obras do artista local Cesar Augusto Ferreira.

O planejamento foi desenvolvido com a turma do 8º ano do Ensino Fundamental II do Colégio Arquidiocesano de Ouro Preto, Unidade II. O conteúdo desenvolvido no ensino de artes são os elementos visuais, composição, planos, alto e baixo relevo, luz e sombra.

O Colégio Arquidiocesano está localizado à Rua Perimetral do Ouro, nº 519, Vila Residencial Antônio Pereira, em Antônio Pereira, Ouro Preto, Estado de Minas Gerais, atende, atualmente, Creche, Educação Infantil, Ensino Fundamental Anos Iniciais e Finais e Ensino Médio, de acordo com o Parecer nº 296/99 CNE de 25/03/99; Parecer nº 88/2000 de 03/02/2000; Parecer nº 634/2004 de 24/08/2004 e Portaria nº 925/2004; Portaria nº 881/2012 de 25/04/2012

Antônio Pereira é um distrito da cidade de Ouro Preto, e sua população gira em torno de 3.400 habitantes. Destaca-se por sua riqueza mineral, motivo pelo qual estão instaladas companhias mineradoras em seu território.

Embora Antônio Pereira pertença à cidade de Ouro Preto, no que tange à divisão político-administrativa da região, ao longo dos anos, este distrito desenvolveu fortes laços culturais com a comunidade da cidade de Mariana, sendo possível afirmar, inclusive, que tais laços são mais fortes que os existentes entre o distrito e a cidade de Ouro Preto.

Tal afirmativa se comprova de maneira efetiva no objeto deste estudo no fato de a maioria dos estudantes do Colégio Arquidiocesano serem provenientes da cidade de Mariana ou do próprio distrito de Antônio Pereira.

O Ensino Fundamental II e Ensino Médio são oferecidos no turno da manhã e à tarde Educação Infantil e Ensino Fundamental. O total de alunos na turma na qual se desenvolveu o trabalho é de 30.

A escolha de desenvolver este trabalho com a turma do 8º ano foi devido ao semestre passado terem estudado sobre a arte barroca mineira, o que possibilitou um conhecimento prévio sobre o tema, proporcionando relacionarem o estilo da arte barroca com o tema em foco.

Como objeto de estudo do projeto, foram escolhidas a vida e obra do artista regional César Augusto, que retrata em suas obras um tema bastante significativo no contexto em que os alunos estão inseridos, que são o casario colonial, que representa a arquitetura regional e desperta lembranças diretas em todos de nossa cidade. Em decorrência disso, foi possível relacionar as observações diárias com a cultura, por meio do ensino da arte, através do estudo da vida e dos elementos que compõem as obras do artista, além de trazer novo olhar sobre a

cidade e seu conjunto arquitetônico, transformando o olhar passivo e rotineiro, para um olhar atento e curioso.

O artista César Augusto nasceu em Mariana, Minas Gerais, mas viveu uma parte de sua vida em Ouro Preto, descobriu a arte com a xilogravura e estudou na Fundação de Arte de Ouro Preto, aos 16 anos transferiu-se para o Rio de Janeiro iniciando o entalhe do casario e máscaras de rabinos. Atualmente desenvolve o trabalho em madeira, na confecção de placas comerciais, entalhe de casario e arte sacra, inspirado no estilo barroco utilizando a técnica da policromia com douramento, seu trabalho é comercializado por encomendas e trabalha em seu atelier em Mariana. No seu currículo destacam-se as participações em exposições com premiações e sua atuação em projetos culturais.

Foi o pioneiro na arte do entalhe do casario colonial na região de Ouro Preto e Mariana, e por isso, é reconhecido como referência da arte de entalhe em madeira. Observa-se em sua obra a influência de um cenário único do conjunto arquitetônico das cidades de Mariana e Ouro Preto, que mantêm até a atualidade a preservação de grande parte de seu acervo.

De acordo com Oliveira (1993, p. 23):

Assim como a maioria das cidades históricas mineiras, Ouro Preto e Mariana devem a manutenção até os dias de hoje da maior parte de seu acervo da arquitetura, construído no período colonial, a dois fatores fundamentais. Primeiramente, um fator de origem negativa que acabou tendo consequências positivas para a conservação: a estagnação econômica das cidades da região no século XIX, com o encerramento do ciclo mineratório, tornando impraticável a substituição dos velhos prédios por construções de gosto mais modernas, a exemplo do ocorrido em cidades como o Rio de Janeiro. O fator decisivo para a conservação do acervo arquitetônico das duas cidades foi, entretanto a criação, em 1937, do antigo Serviço do Patrimônio histórico e Artístico Nacional, atualmente Secretaria do Ministério da Cultura.

Desde o início da humanidade, o homem sempre buscou, por meio da arte, sua transcendência através de suas representações e expressão de ideais, conceito e registro de seu cotidiano. Suas crenças, cenas e imagens idealizadas por ele, visões que tinha da vida cotidiana, seu trabalho; tudo, de alguma maneira, estão expressos em sua arte.

Ainda hoje encontramos nas cidades, Mariana e Ouro Preto o registro da arte barroca, que está presente na arquitetura do casario, das igrejas, nas talhas,

peças sacras, tendo, Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho como o artista de maior representatividade deste estilo. A arte barroca faz parte do cotidiano dos moradores de vários artistas da região, que se expressaram nas mais diversas linguagens artísticas, inclusive, e, sobretudo no trabalho do artista contemporâneo Cesar Augusto que a utiliza dentro de sua técnica do entalhe em madeira.

Segundo Campos, (1998, p.1)

A palavra Barroco significa pérola de esfericidade imperfeita e irregular, servindo para denominar a produção artística e cultural da Europa de fins do XVIII. Essa periodização, entretanto, não é rigorosa, variando conforme o país em questão. No vasto Império colonial português e espanhol, essa cultura se estende mais, convivendo inclusive com o Rococó. Ao contrário deste, o envolvendo formas de pensar, sentir, representar, comportar-se, acreditar, criar, viver e morrer.

O espaço utilizado foi a sala de aula para o desenvolvimento do trabalho tendo em vista o espaço ser mais amplo o que facilitou a dinâmica de grupos, a disposição dos alunos em círculo propiciando as aulas teóricas. Para a aula prática utilizamos à sala de artes que é mais apropriada para este momento, as mesas são maiores e com material artístico disponível.

Ao iniciar o trabalho com a turma, os alunos demonstravam desmotivação e desinteresse, quanto aos alunos novatos, era notório também o equívoco com relação ao trabalho artístico, uma vez que para esses alunos, as aulas artísticas cumpriam-se apenas em atividades de desenho livre. Além disso, foi preciso lidar com a baixa autoestima dos alunos carentes que eram contemplados com bolsas pela escola. Ao longo das atividades propostas esses desafios foram sendo sanados.

A partir dos pressupostos teóricos apresentados, foram elaborados o planejamento e, posteriormente, iniciou-se o desenvolvimento das atividades, sendo analisado o artista regional e o estudo de suas obras.

Ao fazer levantamento do conhecimento prévio dos alunos, percebi que muitos deles conheciam a linguagem da arte barroca, bem como a técnica do entalhe, muito utilizada pelos artistas barrocos nas talhas e na confecção de adornos típicos em nossa região.

Para iniciar o trabalho, utilizei na sensibilização um poema do artista estudado, que relaciona através de sua poesia a relação que estabelece em sua prática de entalhe, com a intenção de propor aos alunos o exercício de análise textual relacionando a poesia e a obra do artista em sua técnica de entalhe, que o objeto de técnica a ser trabalhada.

Para a realização desta atividade, após a leitura do poema intitulado “Retrato em preto e branco de um entalhador”, sem fornecer maiores conhecimentos sobre a arte do entalhe, retirei do título a palavra entalhador, ficando dessa forma ocultada, e em seu lugar coloquei reticências, para que os alunos fizessem inferências sobre as possibilidades de completude da frase. O material foi distribuído entre os alunos e a professora fez a leitura do poema, seguinte:

Retrato em preto e branco de um.....

César Augusto

“É manhã, o mar cuspiendo na praia é um pau podre”.

Um dia, o homem na sua vontade de ser Deus.

Quis que o pau fosse homem

Então formão, ferro, fogo bate soquete com mãos de força.

E vontade de ferro

Bate soquete.

O homem viu que era fácil fazer cabeças e criou a humanidade

Jogou cabeças sobre cabeças e arrancando as expressões do pobre lenho

Recriou a dor e o sofrimento

Sentindo podridão na face humana cobriu sua face de asfalto.

Hoje é dia de festa

Já existem quatro paredes nos protegendo

São tão brancas e eles tão negros
Unidos, cabeças sobre cabeças.
Num universo de ansiedade e dor.

Hoje, todos os homens querem ver os homens
Criados pelo homem
Na sua vontade de ser Deus
Um dia de mar, manhã.”
Piratininga.

Os alunos levantaram várias hipóteses, mas não conseguiram descobrir, então lemos novamente a poesia, até que um deles perguntou o que era “formão e soquete” e a partir de nossa conversa, associaram as palavras à arte de esculpir e chegaram ao entalhe.

Em círculo conversamos sobre a poesia e o artista regional que iriam conhecer, que, além de poeta era escultor. Muitos gostaram, mas confesso que esperava maior entusiasmo da turma, não sei se a dificuldade do trabalho foi no entendimento da poesia, ou se foi o desconhecimento da arte do entalhe, mas não foi possível neste primeiro momento conquistar o interesse da turma por inteiro. Nesse mesmo dia, o professor de história trabalhou um texto sobre as cidades de Mariana e Ouro Preto, que abordava dados da arquitetura colonial, interdisciplinando com o presente trabalho. Pude perceber que, até então, muitos alunos pensavam que a conservação do estilo até os dias atuais, vinha de uma consciência de preservação oriunda do período colonial e que permaneceu até os dias de hoje. Após discutirmos sobre o assunto e a partir da leitura do texto, retirado do livro *Capitais das Minas Gerais no século XVIII* de Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira puderam estabelecer uma discussão mais abrangente e esclarecedora sobre o conceito de preservação, o que trouxe luz sobre a verdadeira necessidade e condição em que se estabeleceu a preservação deste

patrimônio artístico e cultural até os dias de hoje, gerando neste momento maior participação e envolvimento dos alunos.

Na aula seguinte, conversamos sobre o texto e construímos juntos a seguinte reflexão “se o dinheiro não tivesse acabado, então só ficariam as igrejas como registro artístico”, outros questionaram “mas será que preservariam as igrejas?” Foi um momento muito produtivo, em que os alunos chegaram à seguinte conclusão: preferem a cidade com a arquitetura colonial, pois, essa faz com que as cidades de Ouro Preto e Mariana sejam importantes no cenário mundial tornando-as singulares.

Dando continuidade ao trabalho, pedi que os alunos pesquisassem o mesmo tema: o Casario Colonial de Ouro Preto e Mariana, porém em outras formas de expressão artísticas que não o entalhe, pintura, desenho, fotografia gravura, etc.

Essa exploração atendia ao objetivo de saber o que os alunos trazem em sua bagagem de conhecimento sobre as diversas linguagens artísticas. O maior objetivo de trabalhar outras linguagens é exatamente o de ampliar as possibilidades de outras expressões artísticas como o entalhe.

Em grupos, os alunos apresentaram as imagens o resultado da pesquisa iconográfica realizada, conforme havíamos planejado. Dessa forma, caracterizaram as diversas linguagens artísticas, atendendo ao que eu esperava ao propor o trabalho aos meus alunos, visto que meu objetivo para essa atividade era possibilitar aos alunos a percepção das várias possibilidades do fazer arte dentro de um mesmo argumento.

Partimos então para o momento de registrar e apresentar o tema que o artista em estudo trabalha em suas obras: após a discussão sobre o assunto, exibi em power point com imagens do casario colonial no entalhe, e como eu imaginava, a maioria dos alunos não conhecia a forma de retratar o casario colonial nessa técnica, embora convivessem em um cenário privilegiado por essa manifestação artística. A partir de então, percebi que o que mais chamou a atenção deles foi o acabamento com luz e sombra e os planos do entalhe criados a partir do desenvolvimento da perspectiva. Falei um pouco mais do artista que nos visitaria em sala de aula e sobre sua arte, deixando os alunos entusiasmados.

Dando continuidade a atividade, pedi aos alunos que elaborassem perguntas para a entrevista com o artista. Orientei-os a respeito dos assuntos que abordaríamos nessas perguntas, a fim de que o tempo que teríamos com o artista fosse bem aproveitado.

Durante a etapa de elaboração das perguntas, a maioria se envolveu com a atividade e surpreenderam-me com as perguntas elaboradas. No dia da visita do artista, os alunos ficaram ansiosos por recebê-lo na sala de aula e por conhecê-lo pessoalmente. César trouxe algumas peças de sua autoria para mostrar aos alunos, se apresentou e, posteriormente, começou a responder às perguntas. A participação dos alunos foi unânime, enumerei os grupos e cada um deles fez uma pergunta. De acordo com a resposta, surgiam outras que não estavam registradas, de forma natural, e a partir desses questionamentos prosseguimos nas aulas seguintes.

Entre as peças trazidas pelo artista, havia uma peça apenas com início do processo de entalhe e outra já na fase de acabamento. O objetivo dessa etapa era que os alunos pensassem, questionassem e fizessem comparações entre elas e entendessem como é o processo em que são criados os planos. Quanto ao acabamento de luz e sombra, César optou por fazê-lo na presença dos alunos, para tornar mais lúdico e claro a técnica utilizada.

Conhecemos juntos as ferramentas que são utilizadas no entalhe da madeira, e, em imagens de power point, o artista mostrou outras peças que produziu ao longo de sua carreira. Os alunos puderam ainda identificar os vários ângulos registrados nas obras da cidade de Ouro Preto e Mariana, o que confirmava a importância da relação entre o planejamento das aulas e cotidiano/realidade dos alunos, para um ensino significativo.

Foi necessário outro momento com o artista, pois os alunos ficaram motivados com a técnica, e através de um desenho o artista mostrou a perspectiva e os planos do desenho bidimensional e os alunos também produziram seu desenho, com a orientação do artista.

Após esta etapa o desenho foi transposto para a madeira e alguns alunos experimentaram, juntamente e sobre a supervisão do artista, esta técnica,

fazendo os traços no primeiro plano, e observando como se culminaria a obra nos planos seguintes.

Para a produção artística dos alunos não achei prudente entalhar na madeira, pois as ferramentas são afiadas e procurei alternativas para que pudessem vivenciar a técnica estudada, fiz um experimento com a parafina, cortei-a em pedaços, levei ao fogo, após seu derretimento fiz as placas e com palitos de churrasco executaram o trabalho, o tema foi livre, como a parafina é branca quiseram realçar o trabalho com cores.

Após a atividade concluída levantei alguns questionamentos, como o processo de trabalho, bem como, toda a execução, levando-os a reflexão. No entanto, os alunos participaram ativamente, não somente com questionamento oral, mas produziram textos em forma de relatos.

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Segundo Ana Mae Barbosa (2013, p. 1) "não é possível conhecer um país sem conhecer e compreender sua arte". Partindo desse pressuposto e da vivência como arte educadora, enquanto pesquisadora foi possível refletir sobre a disparidade entre como estamos tão perto e tão longe deste acervo artístico que nos cerca.

Neste sentido José Emanuel Moran (2013, p. 2) acrescenta:

Há vinte anos, para aprender oficialmente, tínhamos que ir a uma escola. E hoje? Continuamos, na maioria das situações, indo ao mesmo lugar, obrigatoriamente, para aprender. Há mudanças, mas são pequenas, ínfimas, diante do peso da organização escolar como local e tempo fixos, programados, oficiais de aprendizagem.

As tecnologias chegaram na escola, mas estas sempre privilegiaram mais o controle a modernização da infra-estrutura e a gestão do que a mudança. Os programas de gestão administrativa estão mais desenvolvidos do que os voltados à aprendizagem. Há avanços na virtualização da aprendizagem, mas só conseguem arranhar superficialmente a estrutura pesada em que estão estruturados os vários níveis de ensino... As redes, principalmente a Internet, estão começando a provocar mudanças profundas na educação presencial e a distância. Na presencial, desenraizam o conceito de ensino-aprendizagem localizado e temporalizado. Podemos aprender desde vários lugares, ao mesmo tempo, on e off line, juntos e separados. Como nos bancos, temos nossa agência (escola) que é nosso ponto de referência; só que agora não precisamos ir até lá o tempo todo para poder aprender...

A educação presencial está incorporando tecnologias, funções, atividades que eram típicas da educação a distância, e a EAD está descobrindo que pode ensinar de forma menos individualista, mantendo um equilíbrio entre a flexibilidade e a interação.

Dentro desse cenário apresentado por Moran (2013), referência da tecnologia da educação à distância, que nos enquadramos como profissionais da educação. Estamos sempre procurando novas estratégias, com temas sedutores aos alunos, que possam envolver o ensino da arte, para que além de sua importância cognoscente possa trazer prazer aos alunos. Uma vez que há a demanda tecnológica altamente sedutora oferecida pela internet e tecnologias portáteis, abrindo precedente direto com a forma com a qual lidamos com a informação, exigindo-se assim, maior criatividade, e didática desenvolva para o desenvolvimento das aulas.

Como sabemos, se a aula não for atrativa aos alunos corremos o risco de aumentar a indisciplina que cresce em sala de aula, inclusive devido ao fato de

que esse mundo tecnológico, virtual e interativo somado as descobertas naturais da idade do adolescente façam com que aumente a distância entre o desejo do estar presencial e o estar virtual que supera tempo e espaço, em detrimento ao primeiro que exige disciplina e organização temporal.

Diante dessas reflexões que surgiu a proposta do trabalho realizado, que foi proporcionar aos alunos o contato direto com um artista local, tendo possibilitado dessa forma conhecer, apreciar e pesquisar o seu fazer, que trazia como temática a arte tão presente no cotidiano de suas vidas, o barroco e o casario colonial. Essa vivência foi possível, devido ao fato de ter autonomia sobre o meu plano de ensino da disciplina Artes, uma vez que a escola não adota o recurso de livro didático e por existir uma flexibilidade para definir a metodologia e tema a ser estudado.

Também foi uma forma que encontrei para me sentir motivada como educadora preciso sempre me renovar, o professor precisa de desafios assim como os alunos e mesmo diante das barreiras para sair com os alunos da escola e a disponibilidade de artistas para irem até a escola, que em alguns momentos nos desanimava, persisti em levar adiante a ideia.

Foi um trabalho prazeroso onde os alunos participaram com muito entusiasmo de cada etapa do processo. Ao realizar esta prática pedagógica posso dizer que proporcionou ao educando sentir-se parte integrante do contexto em que vive, reconhecendo sua identidade cultural e ampliando seu olhar apreciador.

Foi possível comprovar na prática que trabalhar com uma manifestação artística presente no dia-a-dia dos alunos, conhecer o artista e sua obra, proporciona a experimentação de diversos recursos e interação com sua realidade, ampliando sua cultura.

Dessa forma confirmamos que as relações entre arte local e o universo da sala de aula é um caminho possível de realização de uma aprendizagem significativa, uma vez que confronta o cotidiano X conteúdo de forma interativa, lúdica e clarifica as relações sociais estabelecidas e percebidas através da arte tão próxima deles.

Ao concluir esta prática pedagógica os resultados obtidos, foram muito além das expectativas, tanto da aprendizagem desenvolvida quanto do envolvimento dos alunos, o que reforça a importância de inteirar o aluno de seu contexto artístico cultural e histórico.

Não poderia encerrar aqui as minhas considerações sem deixar também, a reflexão dos alunos, uma vez que eu enquanto educadora e pesquisadora fui apenas uma das partes envolvidas no processo, deixo agora os depoimentos de alguns alunos:

Aluna Gabriela

Conhecer um artista da nossa região foi uma experiência nova, na qual foi divertido e interessante estar a frente com ele e o conhecê-lo melhor como artista e sua história.

O entalhe foi uma nova arte com perspectiva, no qual tivemos uma noção de como é feito os desenhos e como coloca-lo na madeira.

É interessante saber que ele vive de suas obras, na qual posso dizer que são lindas.

Lorena

Achei muito interessante o trabalho do entalhe, criativo e muito espontâneo, o entalhe tem planos, perspectivas.

O tema escolhido foi o casario colonial, para mim foi um tema bem escolhido pois faz parte de nosso cotidiano, pois é uma coisa que faz parte do nosso cotidiano uma convivência diária.

A produção artística na parafina para mim foi a melhor parte do trabalho pois foi a vez de retratar o que nós quiséssemos, ser livre .

Só acho que deveríamos ter entalhado na madeira pois se a arte foi mostrada na madeira nela que deveríamos fazer a arte.

Caio

Eu achei uma forma mais prática de, nos ensinar cultura e educação.

Tivemos uma experiência incrível com o artista Cesar e aprendemos fazer sombra, profundidade e perspectiva.

Lucas Marinho

Eu achei interessante a forma como fiz os seu trabalho e a forma como faz o entalhe fica perfeito, idêntico ao que vemos na vida real, foi uma experiência boa poder entalhar, nunca fiz isso antes.

O artista precisa de sua obra, para poder viver, temos que querer fazer arte, pois arte bem feita é aquela bem quista.

Fazemos arte daquilo que vemos, vivemos e pensamos, usamos nossa mente com aquilo que lembramos.”

Milena,

É bom conhecer um artista e suas técnicas porque dá para refletir sobre a maneira dele ver as coisas.

É legal também ver e saber passo a passo do entalhe, pois você passa a dar mais valor a obra e também admirá-la.

O artista que veio é bom e tem potencial e tudo que ele ensinou foi útil.

Samuel

Com o César vindo a nossa sala e nos mostrado como é o seu trabalho, o que é a arte etc.

Pudemos ver que, que a gente não vê mas existe vários artistas igual a ele.

Ele nos mostrou sua técnica, ferramentas e o que lhe inspira para fazer o casario colonial, como em Mariana e Ouro Preto. Eu gostei nos mostra como valorizar que tem aqui perto de nós , além de mostrar o que é a arte do entalhe.

Quanto a produção artística na parafina foi ótimo, pois desenhamos e que quiséssemos como se fosse um entalhe.

Pedro

Eu gostei muito do escultor Cesar, mas em compensação eu não gostava das aulas anteriores, pois a aula não tinha diversão e faz com que a aula fique chata e muito tedioso. E eu também não gosto de Van Gogh, das suas obras, pois já vi melhores aqui no Brasil mesmo.

O entalhe na parafina foi muito legal.

João Lucas

Achei ótimo, pois nos aproximou de nossa cultura e a valorizar a arte de nossa região.

Cesar

O trabalho foi bom, pois conhecemos um artista de fora, mas dentro da região que normalmente não é valorizado, o trabalho é muito bonito, pois contém vários planos, perspectiva e retrata a arte da região que vivemos, o casario colonial, nesse trabalho a gente conheceu um pouco mais dessa arte, onde normalmente não temos essa oportunidade.

Agnes

Achei muito interessante trabalharmos com o entalhe.

Foi um lado da arte que eu não conhecia, o entalhe, mas se formos reparar o alto e o baixo relevo, nos vários planos, vamos ver que o uso da profundidade é muito. E também trabalharmos com os casarios na madeira é um modo diferente de fazer arte.

Eu gostei muito de ver esse lado da arte e por ser interessante é também muito bonito.

Esse tipo de arte me faz ver melhor a expressão artística de onde vivo.

Joice

Foi um trabalho diferenciado e muito bom, levando em consideração conhecimento da perspectiva, os planos e o alto e baixo relevo. Foi muito bom também conhecer um artista tão perto de nós que trabalha com o casario colonial, nossa cultura, já que sempre trabalhamos com artistas famosos de outro tempo.

Vitória

O artista Cesar que veio a nossa sala de aula nos ensinou várias técnicas interessantes para nos ajudar na hora do entalhe. Achei ele uma pessoa criativa e também gostei da ideia da professora interessante

Diante destes relatos, percebe-se como a arte é imprescindível na educação e nós arte educadores somos responsáveis em aproximar e proporcionar este contato dos alunos com sua cultura, contribuindo para que sejam adultos conscientes de suas responsabilidades com seu patrimônio e na sua valorização enquanto integrante deste grupo.

CONCLUSÃO

Conclui-se que apesar da liberdade de conteúdo oferecida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) a pouca formação dos professores de Artes das escolas faz com que o currículo desenvolvido com os alunos, neste estudo do Ensino Fundamental II, seja distante da realidade que nos cerca.

A Abordagem Triangular tem um efeito muito positivo no desenvolvimento dos alunos, tendo sido possível comprovar na prática que trabalhar com uma manifestação artística presente no dia-a-dia dos alunos, conhecer o artista e sua obra, proporciona a experimentação de diversos recursos e interação com sua realidade, ampliando sua cultura e ainda valorizando a produção artística local.

Conclui-se ainda, que as relações entre arte local e o universo da sala de aula é um caminho possível de realização de uma aprendizagem significativa, uma vez que confronta o cotidiano com o conteúdo de forma interativa, lúdica e clarifica as relações sociais estabelecidas e percebidas através da arte tão próxima deles. Não se perdendo de vista a disciplina tão cobrada dentro dos espaços escolares, devido à diversidade de atividade e o contato com o real e possível aos alunos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. *A Imagem no Ensino da Arte*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- . *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. (org). 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- . *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- . *Entrevista concedida por Ana Mae Barbosa para a Agência USP de Notícias*. Disponível em: <http://crv.educacao.mg.gov.br/aveonline40/bancoobjetos/crv/%7BF0203430-E408-40368C3A50F3D343BC4A%7Dler%20e%20escrever%20em%20artes%20visuais.pdf>. Acesso em: 24 de nov. de 2013.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC /SEF, 1998.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Cultura Barroca e manifestações do Rococó nas Gerais*/Adalgisa Arantes Campos - Ouro Preto: FAOP/BID, 1998.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa*. SP: Paz e Terra, 2009.
- LAVELBERG, Rosa. *Para gostar de aprender arte Sala de aula e formação de professores*. São Paulo: Artmed. 2003.
- MORAN, José Emanuel. *A integração das tecnologias na educação*. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/moran/integracao.htm>. Acesso em: 20 de nov. de 2013.
- OLIVEIRA, Miryam Andrade Ribeiro. *Capitais das Minas no Século XVIII Ouro Preto e Mariana*. Rio de Janeiro, Oficinas da Raízes Artes Gráficas Ltda, AC&M-Assessoria de Comunicação e Marketing Ltda. 1993.
- PILLAR, Analice Dutra. *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- PIMENTEL, Lucia G. *Limites em expansão: Licenciatura em Artes Visuais*. Belo Horizonte: C/Arte, 1999.

ANEXO(S)

ANEXO A – APRESENTAÇÃO DAS DIVERSAS EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO TEMA ESTUDADO “CASARIO COLONIAL”.





ANEXO B - ATIVIDADE EM GRUPO : ELABORAÇÃO DAS PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA





ANEXO C- MOMENTOS COM O ARTISTA





ANEXO D- PRODUO FINAL



